



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6979 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT08 - Formação de Professores

EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NO COTIDIANO DE UMA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SALVADOR: SUJEITOS PLURAIS, TEMPOS PLURAIS
Valcineide Santos de Almeida - UNEB - Universidade do Estado da Bahia
Tânia Regina Dantas - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NO COTIDIANO DE UMA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SALVADOR: SUJEITOS PLURAIS, TEMPOS PLURAIS

Palavras-chave: Formação continuada de professores, cotidiano escolar, tempo escolar.

INTRODUÇÃO

O presente texto busca apresentar desafios encontrados por professores durante o processo de formação e autoformação no cotidiano de uma escola da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador. Os dados apresentados constituem-se em recorte de uma pesquisa que teve como objetivo principal investigar as experiências formativas que acontecem no cotidiano de uma escola da referida Rede Municipal, na perspectiva dos professores, para saber se este cotidiano funciona enquanto tempos e espaços de aprendizagem para eles.

Para a realização da pesquisa foram definidos os seguintes objetivos específicos: identificar as concepções dos professores sobre o papel da formação continuada no desenvolvimento do seu trabalho pedagógico; analisar as experiências formativas que acontecem nos tempos e espaços do cotidiano escolar; levantar os desafios e possibilidades encontradas pelos professores para realizar o processo de formação continuada no âmbito da escola. O estudo procurou responder à seguinte questão: Como acontecem os processos de formação continuada de professores no cotidiano de uma escola da RME de Salvador?

A pesquisa foi realizada com cinco professores da Escola Municipal do Parque São Cristóvão Professor João Fernandes da Cunha e constitui-se em estudo de caso com a utilização de entrevista semiestruturada, observações do cotidiano escolar e dos encontros de formação dos professores, tendo como principais referenciais teórico metodológicos: Candau

(2011); Hargreaves (2014); Imbernón (2010; 2011); Garcia (1992; 1999); Nóvoa (1992; 1995; 1999; 2002); Josso (2006; 2014); Pais (2003); Certeau (2014); Ferraço (2006; 2008) e Freire (1996).

Nos resultados encontrados, nota-se que os professores atribuem importância às aprendizagens que acontecem no cotidiano da escola, tais como, a acolhida, o planejamento, as trocas diárias com os colegas, os encontros pedagógicos, as trocas no grupo do whatsapp e, apesar da necessidade de serem fortalecidos e institucionalizados tempos e os espaços para os professores se reunirem coletivamente na Rede Municipal, isso não os impedem de criar condições para realizar e fortalecer momentos coletivos no cotidiano da escola.

DESENVOLVIMENTO

A formação continuada de professores supõe envolvimento, responsabilização, iniciativa, engajamento, e implica que os professores trabalhem com seus colegas no próprio desenvolvimento profissional, em uma perspectiva de ação coletiva, ainda que, individualmente, cada um seja responsável por suas atividades docentes. Neste sentido, deve ultrapassar os limites dos conteúdos que se precisa ensinar e como afirma Nóvoa (1992), “a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal” (NÓVOA, 1992, p. 25). É pensar uma perspectiva de formação de professores que vá além daquelas que os concebem enquanto técnicos ou reprodutores de conhecimentos produzidos por especialistas externos à profissão.

Complementando esta discussão, os autores Fullan e Hargreaves (2000), defendem a escola enquanto espaço privilegiado de troca e de crescimento profissional docente. Segundo os autores, atualmente, as escolas têm deixado de ser cada vez mais um espaço de desenvolvimento individual e coletivo dos professores pois, muitas vezes, estes trabalham de maneira isolada, com poucas oportunidades de compartilhar experiências com seus colegas.

Diante desta realidade a pesquisa revelou que dentre os desafios encontrados pelos professores para o desenvolvimento das experiências formativas no cotidiano da escola, o tempo aparece como fator recorrente. Neste sentido, importa ampliar o olhar sobre a noção de tempo, no sentido de melhor apreender a fala dos professores.

Parente (2006), defende a ideia de que a categoria tempo tem um conceito histórico, social e individual, pois se transforma de acordo com o momento histórico, e a partir das relações que os sujeitos estabelecem com outros sujeitos e com as organizações. Significa que, conforme a autora, o tempo faz parte da criação humana, utilizada por diferentes grupos sociais.

Pinho (2012), também argumenta que os tempos sociais são compostos pelos tempos do trabalho, da escola, da família e do tempo livre, e que, na contemporaneidade, o tempo é comandado pelos ponteiros do relógio, que orienta as nossas ações, na escola, no trabalho, na família, e até mesmo nas nossas atividades livres.

O tempo da escola também é influenciado pelo tempo-histórico e está relacionado “com o tempo individual, biológico, familiar, da cidade, do país” (PARENTE, 2006, p. 42), tendo em vista que:

tempos escolares fazem referência a todos esses elementos, associados necessariamente aos tempos dos sujeitos, às suas práticas cotidianas e aos valores que regem as suas ações. Tempos escolares que se mesclam a tempos histórico-sociais. Tempos que se mesclam, que se apropriam, que se cruzam, que se sobrepõem, que se esquecem, que se apoderam, porque são construções sócio-históricas e culturais. (PARENTE, 2006, p. 23)

Nesta perspectiva, Parente (2006), destaca que para compreendermos o tempo escolar, é necessário compreendê-lo como um conceito temporal que se modifica no espaço das construções humanas, históricas, sociais e culturais.

Para ampliar as reflexões sobre tempo escolar, recorreremos ao estudo realizado por Hargreaves (2014), o qual tinha como objetivo investigar como o tempo de preparação ou planejamento é percebido e usado por professores e diretores de escolas dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A partir desse estudo, o autor identificou e analisou cinco diferentes dimensões do tempo e suas implicações no trabalho do professor.

Uma destas dimensões é a técnico-relacional, onde o tempo “é uma fonte finita de recursos ou meios que pode ser aumentado, reduzido, dirigido, manipulado, organizado ou reorganizado a fim de acomodar determinados objetivos educacionais” (HARGREAVES, 2014, p.57). De acordo com o autor, essa dimensão do tempo se organiza em torno dos princípios da racionalidade técnica e o tempo é uma variável objetiva.

Outra dimensão do tempo, citada por Hargreaves (2014), é a dimensão micropolítica. Neste caso, as distribuições do tempo estão relacionadas ao poder e ao *status* dentro da própria escola, com um significado micropolítico. O que importa nesta dimensão é o trabalho realizado pelo professor, em sala de aula, sendo que as demais atividades desenvolvidas pelo professor são consideradas periféricas. Assim, o tempo destinado para planejar, avaliar e consultar é considerado um índice de status e de poder.

A terceira dimensão do tempo, apontada por Hargreaves (2014), é a fenomenológica, onde o tempo tem uma dimensão subjetiva e, embora pareça que é algo externo e independente do professor, o tempo é um fenômeno subjetivo e uma convenção, ou seja, os programas e horários que parecem inalteráveis são resultados de definições e decisões subjetivas, e as estruturas de tempo resultam da ação humana.

Hargreaves (2014), ao citar Schutz (1973), diz que o tempo é subjetivo e tem uma variação de pessoa para pessoa, ou seja, o sentido do tempo pode variar em relação ao tempo do relógio e pode parecer mais lento ou mais acelerado, de acordo com cada pessoa, pois tem a ver com nossos projetos, interesses e papéis que desempenhamos na vida, por exemplo, os administradores concebem o tempo de maneira diferente dos professores e estas diferenças estão nas concepções monocrônicas e policrônicas do tempo, sendo que operar em esquema monocrônico é realizar uma atividade de cada vez, de maneira linear, preocupado em terminar as tarefas e cumprir os horários. Já no tempo policrônico, realizamos várias atividades ao mesmo tempo, e a preocupação não é cumprir o horário, mas realizar as ações com sucesso dentro do contexto.

RESULTADOS DA PESQUISA

Conforme Hargreaves (2014), quando a cultura de tempo policrônica dos professores entra em contato com a cultura monocrônica da administração, surgem conflitos e mal-entendidos, um exemplo disso é quando são designados tempos específicos para o planejamento ou outras atividades, sem considerar o contexto de trabalho dos professores, pois, segundo o autor, na dimensão sociopolítica, o tempo é um elemento de controle administrativo do trabalho do professor, para os quais a velocidade da mudança acontece de maneira muito rápida, pois tem de fazer muitas coisas ao mesmo tempo.

É nesta perspectiva de conflitos em relação à cultura do tempo monocrônica e policrônica que algumas falas das professoras revelam o fator tempo enquanto um dos desafios a serem superados para a realização das experiências formativas no cotidiano escolar e como elemento dificultador de momentos coletivos que propiciem as trocas entre eles:

O grande desafio é o tempo. A nossa demanda. A gente fica tão preocupada em dar conta de tantas coisas, eu acredito que seja até... não que não seja importante, mas muito burocrática, sabe? Muito *xisinho*. É X, é parecer, as duas coisas juntas, e são até, se você for ver, é a mesma coisa, tem o mesmo objetivo, não tinha necessidade. Eu acho que esse corre-corre, do tempo. Eu acho. (P.2)

Nós temos a questão do tempo. O fator tempo, porque não é só essa demanda que uma unidade escolar tem, então, atender a necessidade de um grupo grande que a escola tem. O fator tempo, ele tá lá em cima, no sentido de formação mais formal, a considerada formação no espaço, é o fator tempo. (P.4)

Tô aqui pensando se o tempo, porque eu vejo assim, a discussão maior é o tempo, o dia, o horário, está tudo dentro do tempo. A disponibilidade de participar da formação, porque, como eu digo, o grupo cresceu, as demandas são diferentes, carga horária diferente e uma formação que a gente pode trocar, seria interessante que o grupo tivesse participando. Não consigo hoje pensar em outra dificuldade. (P.3)

É possível perceber, a partir da fala dos professores, que o maior desafio encontrado para trocar e compartilhar experiências em momentos coletivos diz respeito à falta de tempo. A professora P2, por exemplo, expressa as exigências que ela chama de burocráticas, tais como o preenchimento de diários, a marcação de habilidades e a elaboração de pareceres, coisas que, na sua opinião, têm o mesmo objetivo e acabam dificultando e tomando o tempo, que poderia ser utilizado para a formação; para ela, são muitas as atribuições.

Os professores também revelaram a situação da Rede Municipal de Ensino de Salvador, em relação à reserva de 1\3 da jornada de trabalho, conforme prevê a lei nº 8722\2014, que dispõe sobre o plano de carreira e remuneração dos servidores da educação do Município de Salvador. Para eles, apesar de facilitar o processo de autoformação, pois os professores têm um tempo fora da escola, para realizar pesquisas, planejar, preparar materiais de aula, por outro lado, fragiliza o coletivo dentro da escola conforme expressa a professora P4:

No sentido de formação continuada, no coletivo, ela fragmenta um pouco. A partir do momento que eu tenho uma reserva, eu posso ter uma oportunidade de estar correndo atrás, para a minha formação. Eu estou correndo, eu devo, eu tenho esse tempo,

ajudou. Mas, se for pensar no coletivo, ficou mais difícil, porque hoje cada dia da semana é a reserva de um, então, não existe um dia onde todos estão com a reserva para estar discutindo. Aí, a gente está arquitetando um dia que não é de trabalho, o sábado, como a gente já tem na programação, pelo menos um por mês, que esse ano não aconteceu, devido a algumas questões externas, reforma, coisas de calendário, não aconteceu com frequência, mas utilizar a reserva pro coletivo ficou mais difícil, mas que ajudou, muito, não vou dizer que não. Você tem um turno fora de sala disponível para você fazer um curso, ou ir a um museu buscar algo para melhorar a sua aula, muito bom. (P.4)

Assim, a alternativa encontrada pela escola é agendar um encontro mensal, que acontece aos sábados, além de organizar os horários de planejamento dentro da escola para que as trocas aconteçam semanalmente entre professores do mesmo segmento. Os encontros aos sábados aparecem nas falas dos professores como algo que vem para ampliar o tempo de formação dentro da escola:

A importância que a equipe pedagógica dá, o cuidado que a gente tem, quando a gente recebe o professor, mostrando qual é o projeto político pedagógico da escola, questionando mesmo com o direito dele na rede de assumir, se ele tem interesse em assumir, trabalhar aquilo, em estudar para se formar naquilo, destinar tempo para essa formação, ainda que esse tempo não seja o tempo oficial da prefeitura, que a gente faz as nossas formações dia de sábado. Já tem o calendário aí, uma vez por mês, dia 19 agora já é um dia de formação, e que a prefeitura não subsidia isso, não paga por isso, não valoriza, não nos ajuda, nem ajuda de custo dos formadores que vêm de uma parceria, de uma relação que têm com a escola, de uma relação que têm com as pessoas da escola. (P3)

A pesquisa revelou que a escola busca alternativas diferenciadas de tempos mais próximas da realidade, que venham a atender às demandas de todos os sujeitos que dela fazem parte, ainda que, conforme Parente (2006), a organização dos tempos escolares esteja carregada de valores e intenções, e mudar esta lógica significa mudar as práticas e os valores atuais, construindo outros parâmetros e vivências, e assim, construir novas possibilidades de tempo, “não tão rígidas, repressoras, padronizadas, uniformes, aculturais” (PARENTE, 2006, p. 73).

Fica postulado que o tempo fora da sala de aula para as atividades coletivas é escasso e precisa ser ampliado. No entanto, quantidade não significa necessariamente qualidade, pois, ainda que seja importante o aumento de tempo fora da sala de aula, para a realização de atividades de colaboração com os colegas, isto não é suficiente, pois “tempo a mais, não é por si só, uma garantia da mudança educativa” (HARGREAVES, 2014, p. 60). É preciso, portanto, haver mais que uma distribuição eficiente e precisa do tempo, mas pensar como este tempo é usado e interpretado, articulando-o ao trabalho docente e indo além de uma dimensão técnico-relacional.

Assim, criar tempos de formação e trabalho coletivo na escola não é uma tarefa fácil, mas não podemos perder de vista que “plurais são os sujeitos e, portanto, plurais devem ser as práticas e os tempos escolares” (PARENTE, 2006, p. 155). Assim, a intenção foi apresentar neste texto as condições encontradas pelos professores para a realização e o fortalecimento dos momentos coletivos, no cotidiano da escola, e as “artes de fazer” (CERTEAU, 2014), ou a reinvenção de outros tempos de formação plurais que atendam aos sujeitos, também plurais.

CONCLUSÃO

O objetivo deste texto não é tecer respostas ou conclusões absolutas, mas apresentar algumas considerações, a partir das interlocuções com os participantes e o lócus da pesquisa. Uma das considerações é que a escola encontra estratégias para desenvolver as experiências formativas, desde momentos individuais até os momentos coletivos, organizados por segmento de ensino, que acontecem semanalmente, e os encontros mensais, com a participação de todos os professores. Tais encontros acontecem aos sábados e não são institucionalizados pela Rede Municipal, tendo em vista que foi uma estratégia encontrada pela escola para garantir o momento coletivo, respeitando o tempo pedagógico do aluno.

Ao falar de momentos coletivos, no cotidiano da escola, a implementação da reserva de 1/3 da jornada de trabalho fora de sala de aula, apesar de, por um lado, facilitar o processo de autoformação, pois os professores têm um tempo para realizar pesquisas, planejar, preparar materiais; por outro lado, fragiliza a realização de momentos coletivos dentro da escola.

Institucionalmente falando, significa que o tempo fora da sala de aula para as atividades coletivas é escasso e precisa ser ampliado. No entanto, como já observado, quantidade não significa necessariamente qualidade, pois ainda que seja importante ampliar o tempo fora da sala de aula para a realização de atividades de colaboração entre os professores, isto não é suficiente.

Ressaltamos, então, que precisam ser fortalecidos e institucionalizados, pela Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador tempos e espaços para os professores se reunirem, coletivamente, no cotidiano da escola, pois são expressas as demandas e as solicitações dos professores por mais tempo para a troca com os colegas ou por tempos mais flexíveis.

Em síntese, os professores que participaram da pesquisa se depararam com desafios, no entanto, estes não os impediram de criar condições para realizar e fortalecer os momentos coletivos, no cotidiano da escola, e, com suas “artes de fazer” (CERTEAU, 2014), reinventaram outros tempos de formação plurais, que atendem às suas necessidades, também plurais.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FULLAN, Michael; HARGREAVES, Andy. **A escola como organização aprendente: buscando uma educação de qualidade**. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

HARGREAVES, Andy. A política do tempo e do espaço no trabalho dos professores. In: MAURÍCIO, Lúcia Velloso. (Org.). **Tempos e espaços escolares: experiências, políticas e debates no Brasil e no mundo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Ponteio; FAPERJ, 2014. p.55-88.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António. (Org.). **Os professores e a sua formação**. 2. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992. p.13-33.

PARENTE, Cláudia da Mota Darós. **A construção dos tempos escolares: possibilidades e alternativas plurais**. 2006. 215 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2006.

PINHO, Ana Sueli Teixeira de. **O tempo escolar e o encontro com outro: do ritmo à simultaneidade**. 2012. 274 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual da Bahia, Salvador, 2012.

SALVADOR. Lei 8722 de 17 de dezembro de 2014. Dispõe sobre o plano de carreira e remuneração dos servidores da educação do Município de Salvador. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/ba/s/salvador/lei-ordinaria/2014/872/8722/lei-ordinaria-n-8722-2014-dispoe-sobre-o-plano-de-carreira-e-remuneracao-dos-servidores-da-educacao-do-municipio-de-salvador>. Acesso em 24 de ago. 2020.